

ASPECTOS MORALIZANTES DAS FÁBULAS DE FEDRO

Prof. Dr. Márcio Luiz Moitinha Ribeiro (UERJ) marciomoitinha@hotmail.com

e

Prof. Marcos André Menezes dos Santos (UERJ) marcosam.santos@hotmail.com

RESUMO:

Em nosso artigo, propomos traduzir e analisar a fábula latina “A raposa e as uvas” do fabulista Fedro, da Roma, do I século. A partir da qual, teremos por intenção cotejar com as fábulas homônimas de Esopo, fabulista da Grécia antiga, de La Fontaine, fabulista francês, de Monteiro Lobato e de Millôr Fernandes. Nestes dois últimos autores da nossa literatura brasileira, temos a finalidade de destacar com os demais os pontos de contato e as diferenças estilísticas das fábulas homônimas.

Analisados alguns aspectos linguísticos e estilísticos, deter-nos-emos, enfim, aos aspectos moralizantes das fábulas e às maneiras pelas quais cada autor moraliza as suas fábulas, com suas semelhanças e diferenças.

Palavras-chave: 1. Fábulas moralizantes. 2. Fedro. 3. Esopo. 4. La Fontaine. 5. Millôr Fernandes.

RÉSUMÉ:

Cet article présente la traduction et l'analyse de la fable latine «Le renard et les raisins» du fabuliste Phèdre, de la Rome du I siècle. Notre intention est à partir de laquelle faire une comparaison avec les fables homonymes de Ésope, fabuliste de la Grèce antique, de La Fontaine, fabuliste français, de Monteiro Lobato et de Millôr Fernandes. Dans ces deux derniers écrivains de la littérature brésilienne notre but est de mettre en évidence avec les autres auteurs les similitudes et les différences de styles des fables homonymes.

Après avoir analysé quelques aspects linguistiques et stylistiques, nous examinerons les aspects moralisateurs des fables et les manières dont chaque auteur les moralise ainsi que leur similitudes et leur différences.

Mots-clés : 1. Fables moralisatrices; 2. Phèdre; 3. Ésope; 4. La Fontaine; 5. Millôr Fernandes.

ASPECTOS MORALIZANTES DAS FÁBULAS DE FEDRO

No que se refere a quando as fábulas surgiram, Manuel Avezéa nos relata que "a origem das fábulas perde-se na pré-história", podendo ser considerada uma variante do conto popular, que, por sua vez, deve ter nascido, desde o momento em que os homens começaram a comunicar-se verbalmente. Outros autores como Citroni *et alii*, considerarão que o gênero fábula tem origens remotas na Mesopotâmia, testemunhadas por textos sumérios do início do segundo milênio. O autor Samuel Netto, por sua vez, nos informa que parte do material que se encontra nos nossos primeiros fabulistas ocidentais (mais à frente conhecê-los-emos) parecem pertencer ao passado comum de relatos populares tradicionais que está nas raízes das fábulas hindus. Em síntese, pelo que esses autores nos informam, consideramos, junto com Avezéa, que a origem das fábulas perdem-se na pré-história sem sabermos precisar exatamente quando.

No ocidente, por sua parte, a primeira fábula de que se tem notícia é "O Falcão e o Rouxinol", de Hesíodo (séc. VIII a.C.), que se encontra em sua obra *Os trabalhos e os dias*. Depois, nos séculos VII e VI a. C. vários autores helênicos compuseram diversas fábulas, das quais apenas poucos fragmentos ou notícias indiretas nos chegaram. Porém, é Esopo que será considerado o pai das fábulas, "pelo fato de ele ter sido o primeiro a utilizá-las metodicamente e com sucesso", consoante nos aponta Avezéa. Como nos é relatado por Citroni, "não foi por acaso que a invenção da fábula foi atribuída a Esopo, um escravo estrangeiro e uma figura semi-lendária de portador de um tipo de sabedoria elementar dotada de uma eficácia desarmante". Como ainda é salientado por Citroni, "à volta de Esopo (que data do século VI a. C.) formara-se um vasto anedotário romanesco, e a ele se acabava por atribuir praticamente todo o patrimônio relacionado às fábulas de animais veiculadas pela sabedoria popular". Citroni ainda nos relata que "a primeira coletânea de fábulas esópicas de que há notícia foi feita por Demétrio de Falero, por volta de 300 a.C. Porém as coletâneas que sobreviveram são muito tardias, situando-se entre os séculos II e V d. C."

Quanto à presença das fábulas no ambiente latino, Ettore Paratore nos informa que "a fábula mais refinada da poesia latina é o apólogo do rato do campo e do rato da cidade, na sátira II,6, de Horácio; mas testemunhos dão-nos a entender que já na poesia arcaica latina, em Épio e em Lucílio, tinham sido introduzidas fábulas". Paratore ainda nos relata que "o primeiro século do Império apresenta-nos um autor que foi o primeiro, na literatura latina, a fazer da fábula a sua

única forma de arte; e talvez tenha sido o primeiro de toda antiguidade clássica." (PARATORE, 1983: 553) O autor sobre o qual fala Paratore é o poeta Fedro, que, consoante ainda nos é relatado pelo mesmo escritor, fez-se poeta de fábulas não apenas pelo desejo "de reparação moral das injustiças observadas e talvez sofridas na sua vida, mas também pelo desejo de conquistar fama escolhendo uma via não seguida há muito pelos outros poetas."

No que se refere à origem de Fedro, tendo-se pouco conhecimento a seu respeito, sabe-se, pelo que se extrai das informações de sua obra, que ele não é latino, porém, como nos diz Marmorale, "absorveu a civilização, o espírito e a moral latinas, até o ponto de se poder considerar um dos expoentes mais típicos de algumas facetas da mentalidade romana" (MARMORALE, 1974: 12). Assim, Fedro nasceu na Trácia, foi levado a Roma como escravo, pertencente ao imperador Augusto, sendo por esse depois libertado. Como ele próprio nos fala, no título de sua obra, foi um liberto de Augusto, viveu no início do séc. I d.C., escreveu durante os reinados de Tibério e Calígula, entre os anos 14 e 41 d.C. Por ocasião do governo de Tibério, Fedro lançou seus dois primeiros livros de fábulas, contendo alusões políticas ao mau governo de Roma e à conduta condenável dos nobres. Talvez, por causa dessas alusões políticas, foi perseguido por Serjano, principal auxiliar do imperador Tibério, pois como nos diz Zélia de Almeida Cardoso "aludiu claramente a fatos e pessoas de sua época, o que lhe valeu o exílio". Escreveu ao todo 123 fábulas, compiladas em um número de cinco livros. Porém, como nos retrata Marmorale, "a sorte de Fedro não foi magna na antiguidade", pois, nos dizeres de Paratore, acerca dos autores ilustres posteriores a ele, talvez só Marcial o tenha recordado, uma vez que Sêneca não o conheceu ou finge não tê-lo conhecido. Assim, o primeiro que de fato nomeou Fedro foi Aviano, fabulista latino do século V. "Desde então a fama de Fedro aumentava cada vez mais" (MARMORALE, 1974:15). E bastante difundidas, como nos diz Zélia Cardoso, suas fábulas serão "imitadas por escritores de várias épocas e nacionalidades".

Um desses escritores que se inspirará em Fedro e em Esopo será o fabulista francês do século XVII, La Fontaine. Ele foi o único da literatura fabular francesa a escrever fábulas, tornando-se dessa forma um paradigma à sua posteridade.

Aqui, no nosso país, como nos relata Samuel Netto, a fábula teve seus cultores, desde o século XIX e no XX, ela se inscreve quase toda no âmbito dos livros para crianças e adolescentes, com o predomínio de breves historietas em prosa. Assim, surge no século XX o

nosso mais famoso fabulista, Monteiro Lobato, que nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté e faleceu no dia 05 de julho de 1948 com problemas cardíacos.

Monteiro Lobato se envereda pelas fábulas e pelos contos, depois do nascimento dos seus filhos. É a partir daí que ele percebe que faltavam boas histórias para as crianças brasileiras, pois o que havia, em geral, eram traduções de livros estrangeiros difíceis na leitura e com cenários diferentes dos nossos. Desse modo, ele inventa o Sítio do Picapau Amarelo em 1920 e adapta contos de fadas e clássicos da literatura. Reconta fábulas como, por exemplo, as de Esopo, de Fedro e de La Fontaine.

Entre os séculos XX e XXI, também destacamos Millôr Fernandes, que atuou como fabulista. Nasceu em 1923, no Rio de Janeiro e faleceu na mesma cidade de seu nascimento em 2012.

CARACTERÍSTICAS DAS FÁBULAS

Mas afinal de contas, quais são as características do gênero fábula?

Quem nos ajuda a caracterizar este gênero é Manuel Azeiteira. Conforme este autor, as fábulas são uma breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizante e didático. E nas próprias palavras de Fedro, as fábulas têm um duplo escopo: provocar o riso e admoestar por meio de conselhos. Nelas, os seres irracionais (animais, coisas ou objetos) contracenam entre si, pensam, sentem, agem e falam como se fossem seres humanos. Nas cenas, representam-se situações, comportamentos, interesses, paixões e sentimentos que nem sempre podem ser focalizados diretamente com nomes por satirizar ou por criticar pessoas ou grupos políticos.

Como nos diz Azeiteira, "por vezes a fábula propõe imaginosas explicações sobre a origem de certos comportamentos ou situações, relacionados com animais ou com coisas e objetos, assumindo, assim, intenções etiológicas."

COTEJANDO A FÁBULA "A RAPOSA E AS UVAS", DE FEDRO, COM AS FÁBULAS HOMÔNIMAS, DE ESOPHO, DE LA FONTAINE, DE MONTEIRO LOBATO E DE MILLÔR FERNANDES

Feita a introdução de nosso trabalho, acerca das fábulas e de alguns de seus autores, agora nos voltamos para o objetivo do nosso trabalho: traduzir a fábula de Fedro, intitulada “A raposa e as uvas” e a de Esopo e depois cotejá-las com os autores selecionados: La Fontaine (fabulista francês) e destacamos Monteiro Lobato e Millôr Fernandes da nossa literatura brasileira.

Observaremos em suas obras os pontos de contato entre as fábulas homônimas ou as possíveis diferenças que possam haver. Podemos afirmar que o nosso trabalho é original, tendo em vista que não se encontra algo parecido em textos teóricos, em artigos ou em monografias de *pós lato sensu* sobre este assunto.

Tarefa árdua foi selecionar uma fábula que estivesse presente em outros fabulistas a fim de cotejarmos e analisarmos não só os pontos em comum, mas também as diferenças estilísticas e os aspectos moralizantes, destacados por cada autor. Após longa pesquisa, a fábula, que escolhemos, intitula-se “A raposa e as uvas”. Vejamos e comparemos os textos:

De uulpe et uua (Fedro)

Fame coacta uulpes alta in uinea
uuam adpetebat summis saliens uiribus;
quam tangere ut non potuit, discendens ait:
“nondun matura est; nolo acerbam sumere.”
Qui facere quae non possunt uerbis
eleuant, adscribere hoc debunt exemplum sibi.

Coagida pela fome na alta videira, a raposa cobiçava
um cacho de uvas, saltando com todas as forças,
como não pôde tocá-la, afastando-se disse: “ainda
não está madura; não quero apanhá-la azeda”.
Aqueles que elevam com palavras as coisas que não
podem fazer, deverão acrescentar para si este exemplo.

A raposa e as Uvas (Esopo)

Uma raposa faminta, como acabara de ver alguns cachos de uvas pendurados de uma parreira, queria apoderar-se delas e não pôde. Retirando-se, então, disse a si mesma: “Estão verdes”. Assim também alguns dos homens que não podem tornar-se capazes das atividades, por causa da (sua) fraqueza, acusam as circunstâncias.

A Raposa e as Uvas (La Fontaine)

Certa raposa da Gasconha ou Normandia,
quase morta de fome, avistou bem no alto
de uma parreira uvas maduras,
de casca vermelha e macia,
que podiam servir-lhe de almoço bom e farto;
mas disse, não podendo alcançá-las:
“Estão verdes demais, só bobo comê-las-ia.”

Que fazer se não se queixar?

A Raposa e as Uvas (Monteiro Lobato)

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando, alcançá-los-ia.
O matreiro bicho torceu o focinho.
– Estão verdes – murmurou. – Uvas verdes, só para cachorro.
E foi-se.
Nisso deu o vento e uma folha caiu.
A raposa, ouvindo o barulhinho, voltou depressa e pôs a farejar...

Quem desdenha quer comprar.

A Raposa e as Uvas (Millôr Fernandes)

De repente a raposa, esfomeada e gulosa, fome de quatro dias e gula de todos os tempos, saiu do deserto e caiu na sombra deliciosa do parreiral que descia por um precipício a perder de vista. Olhou e viu além de tudo, à altura de um salto, cachos de uvas maravilhosos, uvas grandes, tentadoras. Armou o salto, retesou o corpo, saltou, o focinho passou a um palmo das uvas. Caiu, tentou de novo, não conseguiu. Descansou, encolheu mais o corpo, deu tudo que tinha, não conseguiu nem roçar as uvas gordas e redondas. Desistiu, dizendo entre dentes, com raiva: "Ah, também, não tem importância. Estão muito verdes". E foi descendo, com cuidado, quando viu à sua frente uma pedra enorme. Com esforço empurrou a pedra até o local em que estavam os cachos de uva, trepou na pedra, perigosamente, pois o terreno era irregular e havia o risco de despencar, esticou a pata e conseguiu! Com avidez colocou na boca quase o cacho inteiro. E cuspiu. Realmente as uvas estavam muito verdes!

MORAL: A frustração é uma forma de julgamento tão boa quanto qualquer outra.

PONTOS EM COMUM

Todos os autores por nós estudados apresentam as mesmas estruturas em suas fábulas: a fábula é encenada por um animal: a raposa que pensa, sente, age e fala como se fosse um ser humano. Fazendo uso desse recurso, a fábula satiriza ou explica determinados comportamentos de sentimentos humanos.

DIFERENÇAS ESTILÍSTICAS

Em Esopo, como em La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes a fome da raposa é apresentada com um adjetivo. A raposa se encontrava faminta (Esopo), quase morta de fome (La Fontaine), esfaimada (Monteiro Lobato) e esfomeada e gulosa (Millôr Fernandes). Em Fedro, porém, a fome da raposa é como que personificada pelo uso do agente da passiva. A raposa não tem fome, ela é coagida pela fome.

Esopo, Fedro e La Fontaine são mais sucintos e diretos, apresentando a mesma estrutura na fábula, com leves acréscimos em um ou outro: a raposa faminta, quase morta de fome ou coagida pela fome vê as uvas, deseja-as, mas não as alcança e inventando uma desculpa, vai embora. Já Monteiro Lobato e Millôr Fernandes acrescentam elementos a mais em suas fábulas, configuram-se raposas mais persistentes em seus escopos.

La Fontaine situa sua raposa, proveniente da Gasconha ou Normandia, apresentando a sua origem e o seu *locus*.

Monteiro Lobato faz uso de diminutivos como quem de fato está dirigindo-se a crianças: a parreira é **carregadinha**, os cachos são lindos e maduros, e, ao cair da folha, a raposa ouve um **barulhinho**. Há, em Monteiro Lobato uma seleção vocabular um tanto quanto coloquial: os cachos maduros são **coisa de fazer vir água à boca**; **o bicho é matreiro** e as uvas são verdes **que só pra cachorro**.

Millôr Fernandes define sua raposa, não como uma ou certa raposa, mas é “a raposa”. Seu lugar é o deserto no qual há um precipício de perder de vista, sua raposa, diferentemente das fábulas dos outros autores, consegue seu escopo, não obstante se frustra ao constatar que realmente as uvas estavam verdes. Ela parece ser a mais humana das raposas: olha, vê, arma o salto, retesa o corpo, salta, descansa, encolhe-o mais, não consegue o que deseja em um determinado momento, desiste, tem raiva, empurra a pedra, estica a pata, depois consegue o objetivo, coloca as uvas na boca e se frustra, dizendo: "- Deveras, estavam muito verdes."

ASPECTOS MORALIZANTES

Na moral de cada autor está patente mormente a explicação de certos comportamentos humanos. Assim, Esopo explica da seguinte forma: os que acusam as circunstâncias fazem isto porque não são capazes de assumir as suas próprias atividades; Fedro, por sua vez, é mais satírico, dizendo: “os que elevam pelas palavras as coisas que não podem fazer, deverão acrescentar este exemplo para si”. Satíricos também são os outros autores La Fontaine, Monteiro Lobato e Millôr Fernandes, e este último ainda se vale da ironia.

Enfim, esperamos que tenham gostado de nosso trabalho, de nossas comparações e de nossos comentários pertinentes ao tema em questão e que tenhamos sido úteis para os

pesquisadores interessados neste assunto e nos que têm interesse em escrever vindouros artigos sobre as fábulas antigas ou contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELEZA, Manuel. *As fábulas de Esopo*. Thex Editora. Rio de Janeiro, 2002.
- CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2011.
- CHAGAL, Marc. *Fábulas de La Fontaine*. Estação Liberdade. São Paulo, 2004.
- CITRONI, M. et alii. *Literatura de Roma antiga*. Fundação Caloluste Gulbenkian. Lisboa, 2006.
- FERNADES. Millôr. *100 fábulas fabulosas*. Record: Rio de Janeiro, 2012.
- LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. Editora Globo. São Paulo, 2012.
- MARMORALE, Enzo. *História da Literatura Latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: 1974.
- NETTO, Samuel Pfromm. *De Esopo e Fedro aos Muppets: A trajetória da fábula*. In: FEDRO. *Fábulas*. Tradução de Antônio Inácio de Mesquita Neves. Editora Átomo/ Edições PNA. Campinas, SP, 2001.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura latina*. Tradução: Manuel Losa, S.J., 13ª Ed. Fundação Caloluste Gulbenkian. Lisboa. 1983.
- PHÈDRE. *Fables*. Texte Établi et traduit par Alice Bredot. Les Belles Lettres. Paris, 2009.
- <http://www.thelatinlibrary.com>
- <http://www.e-biografias.net>